

## **O CORPO DO SAPATEADOR COMO UM SISTEMA ARTISTICO**

Rafaeli Mattos de Oliveira Bastos

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

E-mail: rafaelimattos01@gmail.com

Eixo Temático: Gesto e Corpo - Dança, dramaturgias, proposições e poéticas de uma cena insurgente.

### **RESUMO:**

A busca por romper a forma usual de composição artística do sapateado corresponde a uma nova estruturação de pensamento, onde se identificam seus componentes elementares, entendendo os lugares onde começa e termina toda a ação – o corpo. Observando sua estruturação técnica, percebe-se que este fazer artístico é originalmente composto por duas linguagens artísticas, dança e música, e possui um componente elementar definidor de sua caracterização – os sapatos. Desta maneira, pode-se entender o sapateado como uma arte complexa e o corpo de seu artista como a estrutura viva onde a transitoriedade dessa complexidade acontece. Cada passo/movimento de seu vocabulário possui seu som característico, provocando modificações postural, mental e emocional do corpo do artista. Considera-se que a multiplicidade e a singularidade do corpo do sapateador sejam um campo aberto de possibilidades, desdobramentos e falas. Nesse sentido, cada artista constrói seu modo de pensar e fazer sapateado, abrindo-se, assim, uma janela para a criação de diversos sapateados. Esses sapateados recontextualizados podem criar uma ponte dialética entre o histórico cultural do corpo e o meio em que está inserido e ampliar seu contexto/cena estético/a, somando recursos para a construção de um discurso poético.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sistema Criativo, Sapateado(s), Corpo, Visualidade.

## **APRESENTAÇÃO**

O pensamento sobre “O Corpo do Sapateador como um Sistema Artístico”, faz parte de um capítulo da dissertação de mestrado intitulada “Ah vai Andas?! - um processo criativo a partir dos Sapateado(s)”<sup>1</sup>, defendida em 2013 no programa de pós-graduação em Artes Visuais -Teoria e prática da Arte, pela UFRJ, na linha de pesquisa de Poéticas Interdisciplinares.

A Dissertação é sobre a possibilidade de um processo criativo poético a partir da arte de sapatear, sendo sua pesquisa prática uma cena/instalação multimídia em que a artista apresenta um sapateado com sandálias de dedo de plástico. Todos os elementos foram gerados do corpo da artista: sons, imagens e movimentos, considerando seu histórico corporal e cultura inserida. A parte teórica é composta por três capítulos: o primeiro contexto histórico, o segundo conceitual e o terceiro, o processo criativo da prática.

Qual é a primeira imagem que passa pela cabeça de vocês quando escutam a palavra sapateado? Certamente é a do sapateado de chapinhas dos filmes norte-americanos e dos ícones de sua época de ouro como Boujangles, Fred Astaire, Eleanor Powell, Gene Kelly, entre outros. Objetivando ampliar o olhar sobre essa arte para além da proposta pela cultura de massa, esse trabalho questiona: O que pode ser considerado sapateado? Quem está apto a ser sapateador? Como criar discursos poéticos a partir dessa arte?

## **SOBRE UMA IDEIA DE SAPATEADO**

No contexto proposto, entende-se que a ação de sapatear é uma manifestação popular presente em diferentes culturas pelo mundo, tais como a

---

<sup>1</sup> Vídeo da prática disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Vtw-gYUOFt4&t=816s>

africana, a irlandesa, a brasileira, a espanhola, as quais, em sua maioria, apresentam originalmente um caráter ritualístico. Porém, o termo foi massivamente divulgado através de sua associação ao sapateado de chapinhas norte-americano, o qual se constituiu, ao longo de sua história, como uma arte do entretenimento. Acredita-se, indo além do campo do entretenimento, que o ato de sapatear pode apresentar um processo artístico com um rico campo de possibilidades e desdobramentos de movimentação, sonoridade e visualidade. O que se considera é que o sapateado é constituído de corpos, jeitos e maneiras diferentes de relações com ele.

A partir desse entendimento do sapateado como uma expressão mais ampla que o sapateado americano, a questão que surgiu foi: como identificar pontos em comum que abarcassem as especificidades desses sapateados tão diversos? O que poderia vir a ser seus princípios elementares? Então foi neste momento que buscou-se entender os lugares onde começa e termina toda a ação – o corpo do sapateador.

Observando, percebeu-se que, em geral, esses sapateados estabeleciam uma relação entre a dança e música e os sapatos apresentam muitas variações, podendo também não estar presente. Cada maneira de sapatear possui seu sapato específico, uma forma de mover e sonorizar. Dessa maneira, pode-se entender o sapateado como uma arte complexa e o corpo de seu artista como a estrutura viva onde a transitoriedade dessa complexidade acontece.

## **SISTEMA**

A Teoria Geral dos Sistemas foi desenvolvida por Bertalanffy<sup>2</sup> e corresponde a um estudo transdisciplinar da abstrata organização dos fenômenos, independente de sua substância, tipo, espaço ou tempo da escala de sua existência. Essa teoria foca no agrupamento e relações entre as partes conectadas como um todo, de forma holística e gestáltica (onde o todo é maior que a soma das partes), sendo este ponto o fator que determina o sistema e sua organização particular. Esses mesmos princípios e conceitos de organização podem ser aplicados em diferentes disciplinas, como física, biologia, tecnologia, sociologia, psicologia, comprovando a base dessa unificação.

Vieira<sup>3</sup> ressalta que as diversas áreas do conhecimento sentiram (e algumas ainda sentem) a necessidade de uma expansão, uma evolução para seus problemas complexos; e a arte é uma delas. Diferentemente da ciência, a arte procura as possibilidades do real, e não a representação de uma realidade. Para o autor, a arte, a ciência e a filosofia têm, como núcleo comum, os atos e processos de criação. Esse fator gera o estreitamento de laços entre arte e ciência, deixando características da criação na ciência e do saber na arte, transformando o pensamento de ambas. Fragoso<sup>4</sup> diz que “a noção de performance deu lugar à noção de sistema”. O pensamento sistêmico proporciona novas tendências na arte, gerando movimentos que se fundaram como *sistemas artísticos*.

---

<sup>2</sup>BERTALANFFY, Ludwing Von. **General System Theory: Foundations, Development, Applications**. New York: George Braziller, 1968.

<sup>3</sup>VIEIRA, Jorge Albuquerque. **Teoria do Conhecimento e Arte: formas de conhecimento – arte e ciência uma visão a partir da complexidade**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.

<sup>4</sup>FRAGOSO, Maria Luiza Pinheiro Guimarães. **Experimentações Multimídia em Arte Contemporânea e Internet: projeto tracaja-e.net**. 2003. 271 f. Tese (Doutorado em Multimeios) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, São Paulo.

O sapateado como todo sistema artístico tem como objetivo a criação estética; como sistema aberto, está disponível a flexões adversas, mas acredita-se que três desses subsistemas, presentes no histórico corporal do artista, o sapateador, sejam os pilares essenciais dessa grande estrutura que entra em sinergia no corpo do artista: dança, música e sapatos. Compreendendo de que maneira esses elementos funcionam, independentemente e sinergicamente, talvez seja possível organizar e reorganizar em “n” maneiras o corpo do *performer*, a cena, o contexto e todo o fazer artístico.

### **MÚSICA, DANÇA E SAPATOS**

Os subsistemas música e dança estão intimamente ligados. No sapateado, cada passo/movimento de seu vocabulário possui seu som característico, provocando modificações postural, mental e emocional do corpo do artista. Quando tem consciência corporal e mental sobre o som, o sapateador ganha referências corporais, entrando em um processo imagético de visualização simbólica do som. Seus movimentos confundem-se, ou fundem-se, em movimentos de dança e movimentos da música, tornam-se uma unidade, pois a plasticidade remete à dança e a sonoridade é precisamente musical.

Os sapatos e suas chapinhas são partes que integram este corpo, é natureza corpo e cultura, tecnologia que resulta em sapato e se apresenta em forma de sapateador. O sapateador não simplesmente põe o sapato como uma vestimenta, ele causa modificações, mesmo não perceptível visualmente, em sua corporeidade. O artista vivencia esse sapato, suas possibilidades de movimentação e sonoridades, seu corpo toma tudo isso para si. Assim, como mote, o corpo do sapateador tem o movimento, pois som é movimento e movimento pode gerar música. O sapatear independe de sapatos, a exemplo da cultura africana, porém,

quando são usados, parece haver um feedback sonoro, onde o artista tem o retorno instantâneo de suas ações e, geralmente, realimenta-se dele para novas ações e sonoridades.

No processo de *Ah Vai Andas?!*, a troca dos sapatos foi fundamental para composição, pois trocar os sapatos de chapinhas por chilenos de dedo proporcionou uma abertura do entrar e sair do sapato. Houve uma mescla entre sapatear com as sandálias, descalça, somente em um pé e também usá-las nas mãos.

Aqueles que têm a oportunidade de conhecer profundamente a arte do sapateado, de imediato, observam que ele é essencialmente um campo de novidades, criativamente fértil com maneiras infinitas de abordagens, adaptável a qualquer meio. Pensar sistemicamente o sapateado propõe uma reflexão sobre o conceito de sapateador, ou seja, o artista criador conectado com sua atualidade cultural. Pensar o corpo do sapateador como um sistema aberto é conectá-lo à cultura contemporânea, tornando diversas as formas de criação e discursos no sapateado.

O solo da dissertação é apenas um exemplo de composição artística que parte do sapateado. Obras como o vídeo *WeDon'tSpeak Americano*<sup>5</sup>, onde dois sapateadores do River Dance produzem a movimentação do sapateado irlandês para as mãos, e, *Out of Time*<sup>6</sup> solo de Colin Dunne, onde constrói uma cena multimídia também abordando seu histórico quanto sapateador do River Dance, desconstruindo a ideia de sapatos usando tapetes sonoros e sensores, não usando sapatos de chapinha, propõem uma experimentação de som e movimento para uma técnica que originalmente se foca nos pés. E esses são apenas alguns dos exemplos.

---

<sup>5</sup><https://www.youtube.com/watch?v=ju3GH9iu2OY>

<sup>6</sup><https://www.youtube.com/watch?v=MzWkm7WBKqE>

## **SAPATEADO(S)**

O sapateador criador pode produzir seu protocolo de criação a partir de seu corpo, cria seu texto, sua fala poética central que germinará muitos outros textos em seu espectador. Para tal, não constitui uma imagem de seu corpo, se entende como um mosaico de movimentos, sonoridades e imagens, sendo o sujeito falante todo o sujeito.

O corpo, quando dança essa dança, pode apresentar tipos de pensamentos poéticos e conseqüentemente de sapateado(s). Nesse sentido, faz-se necessário olhar para cada realidade de corpo. No sapateado, a singularidade de cada corpo se destaca no contexto da improvisação, de certa forma, elas ampliam e reformulam sua técnica.

Considerando de maneira singular o corpo de seu artista, o sapateador é a chave para maneiras de compor sapateados, seja configurando e reconfigurando seus elementos constituintes – música, dança e sapatos –, seja relacionando-o ao histórico cultural do corpo, seja recontextualizando sua cena. Aqui não se constitui um conceito, o sapateado é ampliado por cada artista que cria imagens poéticas que provoquem a percepção, a sensibilidade e a reflexão, ou seja, a repercussão imagética de sapateado em seu espectador.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BACHELARD, Gaston. **Fragmentos de uma Poética do Fogo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaio Sobre a Literatura e História da Cultura, v. I, 2. ed.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERTALANFFY, Ludwing Von. **General System Theory: Foundations, Development, Applications**. New York: George Braziller, 1968.

BRADLEY, Karen K. **Rudolf Laban**. New York: Routledge, 2009.

BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre teatro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

FERNANDES, Ciane. **O corpo em movimento: o sistema Laban/ Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas**. São Paulo: Annablume, 2002.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.

FRAGOSO, Maria Luiza Pinheiro Guimarães. **Experimentações Multimídia em Arte Contemporânea e Internet: projeto tracaja-e.net**. 2003. 271 f. Tese (Doutorado em Multimeios) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, São Paulo.

HILL, Constance Valis. **Tap Dance in America: a very short history**. **New York Public Library for the Performing Arts**, New York, 2002.



HILL, Constance Valis. **Tap dancing America**: a cultural history. New York: Oxford University Press, 2010.

JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da Ginga**: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

KATZ, Helena. Corpomídia não tem interface: o exemplo do homem-bomba. **Coleção Corpo em Cena**, São Paulo, v. 1, p. 9-23, 2010.

KATZ, Helena. **O corpo como mídia de seu tempo**. São Paulo: Rumos Itaú Cultural Dança, 2004. CD-ROM.

LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento**. Edição organizada por Lisa Ullman. Tradução de Anna Maria B. De Vecchi e Maria Sílvia M. Netto. São Paulo: Summus, 1978.

MELLO, Christine. **Extremidades do Vídeo**. São Paulo: SENAC, 2008.

NOBRE, Flávio Augusto Salles; MACHADO, Maria Amália Bina Machado. **TAP**: a arte do sapateado. Rio de Janeiro: Adresses, 2003.

SANTOS, Sandro M. de Almeida. *O papel dos Estados Unidos na difusão do inglês no Brasil (1937-2006)*. 2007. 108 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Sociais Aplicados e Centro de Estudos Gerais, Niterói, Estado do Rio de Janeiro.

STEARNS, Marshall; STEARNS, Jean. **Jazz Dance**: the story of American vernacular dance. 2. ed. New York: Da Capo Press, 1994.

TOURINHO, Lígia Losada. *Dramaturgias do Corpo: protocolos de criação das Artes da Cena*. 2009. 362 f. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, São Paulo.

VIEIRA, Jorge Albuquerque. **Teoria do Conhecimento e Arte**: formas de conhecimento – arte e ciência uma visão a partir da complexidade. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.

VILAS BÔAS, Caroline Bertholini. **Sapateado**: os caminhos que se cruzam em São José dos Campos. São José dos Campos, SP: NetBooks, 2011.